



# JOSÉ MANOEL DA CONCEIÇÃO, UM REFORMADOR NATIVO

## **Hermisten Maia Pereira da Costa**

Doutor e mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp).  
Professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da  
Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM).

E-mail: [hermisten@terra.com.br](mailto:hermisten@terra.com.br)

## RESUMO

---

Neste segundo de dois artigos, descrevem-se aspectos da vida e formação do Rev. José Manoel da Conceição, o primeiro pastor protestante brasileiro, que, por seus ensinamentos, antes mesmo de aderir à fé protestante, era conhecido como “padre protestante”. Analisa também os momentos de tensão e angústia que marcaram o abandono de sua antiga fé e a adoção da nova, bem como o seu ingresso no ministério pastoral na Igreja Presbiteriana no Brasil.

## PALAVRAS-CHAVE

---

José Manoel da Conceição; presbiterianismo; protestantismo brasileiro; protestantismo; Brasil Império.

## 1. O SENSO DE URGÊNCIA E A IMINÊNCIA DAS PERSEGUIÇÕES

---

Precisamos quanto antes de mais trabalhadores. De toda a parte ouve-se uma voz clamando: “Vinde para socorrer-nos” (BLACKFORD, relatório de 10/7/1866).

O povo tem por toda a parte fome e sede da Palavra de Deus (CONCEIÇÃO, relatório de 10/7/1866).

[...] fui testemunha ocular; que vi em Lorena o sr. Conceição empreender essa longa viagem, levando a mala em uma mão, e a bíblia na outra [...] (TRAJANO, 1902, p. 15).

[...] pregando a cada família em particular, de casa em casa, de indivíduo a indivíduo, de alma a alma (RIBEIRO, 1979, p. 144-145).

Como vimos, Conceição, que professara fé em 23 de outubro de 1864, já, menos de duas semanas depois, estava, juntamente com o Rev. Simonton e o Rev. Blackford, fundando o primeiro jornal evangélico do Brasil. Essa era uma empreitada difícil e desafiante. Simonton registra: “A *Imprensa Evangélica* tem-me dado muita ansiedade. Foi começada com o Padre, eu e o Sr. Blackford na redação [...]” (IMPRESA EVANGÉLICA, 1892; COSTA, 1999, p. 47-57; COSTA, 2009, p. 105-110).

Poucos meses depois [de sua ordenação] empreendeu de *motu proprio* o que, durante o resto de sua vida, foi sempre seu trabalho predileto, o andar de casa em casa e de lugar em lugar anunciando a seus semelhantes a boa nova de salvação de graça por nosso Senhor Jesus Cristo (ATAS DO PRESBITÉRIO DO RIO DE JANEIRO, sessão de 6/8/1875, p. 151; IMPRESA EVANGÉLICA, 3/1/1874, p. 1).

Em 1866, Conceição, que estava em São Paulo, sai abruptamente da casa de Blackford e viaja sem maiores informações, exceto um bilhete que dizia que não esperassem por ele. Blackford aguarda alguns dias; não há notícias; então resolve (3 de março) procurar o chefe de polícia, Dr. Furtado, e outras autoridades para que localizassem o “desaparecido” (RIBEIRO, 1995, p. 57; FERREIRA, 1992, v. 1, p. 65). O próprio Conceição relata ao Presbitério suas andanças:

Aos 28 de fevereiro de 1866 saí de São Paulo pregando o Evangelho. Tomei a estrada do Sul para Sorocaba. Visitava as casas da estrada e pregava onde havia oportunidade. Pernoitei em casa do Capitão Borba que com sua pequena família aceitou o Evangelho. Na vila da Cotia em duas casas que entrei os donos pareciam não gostarem, porém muitos circunstantes ouviram e aceitaram,

e mais adiante achei um homem que aceitou um Novo Testamento prometendo lê-lo a todos os que quisessem ouvir.

Da Cotia tomei a estrada da Una a convite de dois moços jogadores que muito haviam zombado da pregação duas horas antes na Cotia mas que já se achavam tocados e muito satisfeitos em me receberem em suas casas.

Cheguei a casa de um sr. Rosa que me disse ter uma Bíblia e como a lia dispensava [?] a minha pregação.

Una. Preguei o Evangelho na vila, em casa do Subdelegado Presidente que o aceitou com muita alegria como também o sr. Galdino que logo depois foi discutir com o vigário. Estes dois parecem crentes e firmes.

Na vila da Piedade preguei em casa do sr. Demétrio Machado presidente da Câmara que foi ele mesmo convidar a gente da vila mas não me foi possível apreciar logo o efeito produzido porque me foi impossível levar a conversação exclusivamente para o Evangelho. Todavia se mostraram gratos.

Preguei por algumas fazendas na estrada e no bairro de São Francisco ao pé da serra deste nome; preguei e discuti por duas horas consecutivas na fazenda dos Madureiras na Capela.

O administrador da Barreira parece ter-se mostrado crente.

Cheguei a Sorocaba e preguei com geral aceitação porquanto o povo tem por toda a parte fome e sede da Palavra de Deus.

Voltei pela estrada de São Roque; preguei em casa de um homem que faz imagens (creio que se chama Bastos), repassei a Cotia e cheguei a São Paulo.

Pela segunda vez parti de São Paulo sobre os mesmos passos já feitos e tornando a pregar até Sorocaba onde preguei por muitos dias havendo cada dia maior número de povo para ouvir, e não faltou interesse em nenhuma ocasião. Dei algumas Bíblias e distribuí muitas folhas da “Imprensa Evangélica” e outros folhetos. De todos os que se mostraram interessados se distinguem os sr. Bertoldo e filhos e Luiz Delphino.

Um sr. Malasque [sic] e alguns alemães me ouviram e aquele sr. convidou-me a jantar com ele, dizendo-me que era católico mas amava o Evangelho.

Segui para Porto Feliz onde, a despeito da oposição do Vigário preguei o Evangelho no Domingo de Páscoa desde manhã até de noite, ouvindo o mesmo Vigário e todo o povo.

Segui para Capivari e Piracicaba, onde não preguei, cheguei a São João do Rio Claro, onde preguei e segui para Brotas, onde

por muitos dias me conservei com os revs. srs. Schneider e Chamberlain visitando e pregando na vila e pelos sítios com resultados abençoados por Deus pois que muitas conversões tiveram lugar em famílias inteiras.

Depois de aí termos celebrado a Ceia do Senhor partimos ficando eu doente em casa do sr. José de Castilho e seguindo os revs. Schneider e Chamberlain para Rio Claro.

Logo que me senti melhor preguei e visitei os crentes na Serra do Itaqueri, estive alguns dias em casa do sr. Paula Lima no campo, preguei no Bairro da fazenda onde moços e meninos deram muita vaia.

Segui para Rio Claro onde preguei em casa do rev. sr. Schneider, pastor, ouvindo o Vigário e grande número de povo. Segui para Limeira, onde preguei em casa do sr. Manoel Joaquim de Melo, que tem casa de jogo, e muitos entre os quais alguns doutores em direito e medicina.

Cheguei a Campinas e preguei em casa da sra. Ana Eufrosina ouvindo algumas famílias.

Tomei a estrada de Belém (Itatiba), onde preguei em uma venda que fica ao sair da Vila, e segui para Bragança a reunir-me com o rev. pastor Blackford que efetivamente aí chegou no dia 25 de maio. Depois de ter o rev. Blackford pregado por alguns dias, deixou-me ainda pregando<sup>1</sup>, e depois segui para São Paulo passando pela Vila de Atibaia, onde por algumas horas conversei e discuti sobre o Evangelho com o vigário encontrando aí um padre João Maria, que muito se mostrou amigo sincero do Evangelho. Passei por Juqueri onde preguei em casa do capitão Francisco Galvão que me disse ser escusado pregar porque ele sabe tudo; prossegui e cheguei a São Paulo e continuei a viagem para o Rio de Janeiro pela estrada geral, passando pela Penha e freguesia de São Miguel, cheguei a Jacaré a 2 de junho e visitei o sr. Dr. Godoi o qual, com outras pessoas conversaram e discutiram sobre o Evangelho, abstando-se o mesmo Dr. Godoi de prestar-se ao arranjo de sala para nela se pregar pelo medo de desagradar o Vigário que é seu amigo.

Cheguei a São José de Campos no dia 4 de junho e hospedei-me no hotel Figueira onde preguei à noite, havendo grande multidão

---

<sup>1</sup> Nesta segunda visita de Blackford a Bragança, ele relata: “Nos fins de maio [1866] tornei a ir lá, onde encontrei Conceição. Por 5 dias seguidos pregamos, assistido pelo que se pode julgar de 100 a 200 pessoas, que prestaram a mais ávida atenção” (BLACKFORD, relatório de 10/7/1866).

de povo, ouvindo o coadjutor levantou a voz na rua contra o apóstata e convidou o povo para acompanhá-lo à Igreja para louvar ao Deus verdadeiro, disse ele, mas o povo o não acompanhou.

Segui para Caçapava onde preguei havendo muita gente ouvido<sup>2</sup> e prosseguindo viagem cheguei a Taubaté onde sem excetuar uma só pessoa, o povo mostrou-se amigo e desejoso do Evangelho. Visitei o sr. Edmundo Morewood, meu amigo, que tem aí um colégio de meninos bem formado.

Em Pindamonhangaba a pedido de algumas pessoas eu pregava no hotel, quando o dono apareceu proibindo expressamente que eu pregasse em sua casa. Mas um sr. [ilegível]<sup>3</sup> ofereceu a sua casa e aí preguei ouvindo cerca de 40 pessoas.

Dirigi-me a Guaratinguetá tendo visitado de passagem a Romaria da Aparecida onde discuti por mais de 2 horas o interesse do Evangelho com os srs. Padres França Reis e um outro, creio que Godois.

Chegando a Guaratinguetá hospedei-me no hotel, onde preguei havendo muita gente ouvindo, entre estes alguns padres e doutores.

Caminhando passei em Lorena, Queluz, Resende, e cheguei ao Rio de Janeiro aos 23 de junho.

Na cidade de Lorena o Doutor Delegado me visitou e depois oficiou-me proibindo a pregação do Evangelho. Mas tendo eu saído à rua encontrei-me com os srs, professores de primeiras letras e Dr. Machado os quais pararam conversando comigo no interesse do Evangelho e nesta ocasião chegou-nos a nós o mesmo Dr. Delegado e tratando-se do seu ofício me disse ele que com pesar me tinha proibido visto que era ele o primeiro a desejar ouvir pregar o Evangelho, ao que eu lhe respondi que ainda era tempo, e que ele tinha a faca e o queijo na mão e tendo imediatamente convidado para dizer alguma coisa do Evangelho em sua casa, o mesmo Dr. Delegado nos acompanhou ouvindo pregar a palavra de Deus, estando presentes cerca de 20 pessoas da família e de fora que a esse fim tinham concorrido.

Assim termino esta resumida narrativa repetindo para glória de Deus, N.S. Jesus Cristo, que desde São Paulo até ao Rio, tendo

---

<sup>2</sup> Cerqueira Leite (apud PEREIRA, 1912, p. 23) registra: “Em Jacaré e Sr. Conceição pregou de passagem uma noite e houve bastante gente, que gostaram muito da pregação; e o mesmo aconteceu em Caçapava”.

<sup>3</sup> No original, está pontilhado, como se o nome fosse para ser completado posteriormente.

eu ido pregando e distribuindo Bíblias e folhetos Evangélicos, não me recordo de ter encontrado obstáculo algum nem oposição a não ser do Coadjutor de São José dos Campos, a do Subdelegado de Pindamonhangaba e a do Delegado de Lorena, que por último confessou que o fazia por ser obrigado por uma portaria do Governo (CONCEIÇÃO, relatório de 10/7/1866).

Não é à toa que o então colporteur Antonio Pedro de Cerqueira Leite, viajando pelas províncias de São Paulo e Minas, escreve de Santo Antônio da Cachoeira (apud PEREIRA, 1912, p. 21) em 30/8/1866: “O nome do padre José Manoel está espalhado pelo Universo, não há lugar onde se passe, que não falem em seu nome”.

A impressão que se tem é que as reuniões do Presbitério eram uma espécie de hiato em seu ministério; o seu campo eram, em parte, as suas antigas paróquias. Quanto aos relatórios, isso era apenas um detalhe formal. Por isso seus relatórios são, na maioria das vezes, reticentes e omissos; não porque ele não quisesse ser preciso, a questão era outra; ele parece não anotar com detalhes o trabalho e esse ser extenso e intenso, temos apenas esboços; longos esboços, mas apenas isso. Na sessão de 12 de julho de 1867, após ler o seu relatório, há um interesse evidente do plenário. Diz a ata da sessão: “acrescentando a pedido de membros do Presbitério incidentes interessantes relativamente ao acolhimento feito ao Evangelho entre o povo” (ATAS DO PRESBITÉRIO DO RIO DE JANEIRO, sessão de 12/ 7/1867).

Desse modo, na reunião de 1869 do Presbitério do Rio de Janeiro, relata:

Finda a dita reunião [1868] fiz uma viagem a pé na estrada do Sul, lendo, orando e pregando aos habitantes dos campos, onde quer que eu me achasse. Visitei, passando, Cotia, S. Roque, Sorocaba, Campo Largo, Alambary e Itapetininga em cujos bairros do Pinhal e Cabaçasvinhas [?] permaneci por alguns dias, não sem alguma esperança para a vinha do Senhor. Em princípios de outubro voltei para São Paulo, e seguindo para o Rio, acompanhei o Rev. Chamberlain visitando Angra dos Reis e Parati. Dirigimo-nos a Cunha e a Lorena, onde nos demos a pregar ao povo, até que uma grande desordem veio

interromper nossos trabalhos [...] (CONCEIÇÃO, relatório de 14/8/1869)<sup>4</sup>.

### A perseguição em Lorena:

Uma noite quando nos retirávamos do nosso culto, fomos acometidos por um bando, que feriu alguns crentes e por alguns minutos logrou dispersar-nos, mas carregamos com firmeza, catando nossos irmãos feridos ou dispersos, até que nenhum faltasse (CONCEIÇÃO, relatório de 14/8/1869)<sup>5</sup>.

Conceição era um homem destemido; narra com naturalidade espantosa: “Depois de termos celebrado a Ceia do Senhor, o Rev. Chamberlain foi para o Rio [19 de novembro] e eu alguns dias depois saí para São Paulo [...]” (CONCEIÇÃO, relatório de 14/8/1869), isto é, após a chegada do então seminarista Trajano, no dia 23 (RIBEIRO, 1979, p. 186).

No entanto, a perseguição em Lorena foi severa. A *Imprensa Evangélica* registra o ocorrido, fazendo um histórico dos seus antecedentes e do desdobrar dos fatos. Por ser de grande relevância o assunto, passo a transcrever na íntegra o episódio narrado:

Nos fins de Setembro de 1865 chegaram dois moços a Lorena em viagem de São Paulo à Corte, levando consigo uma porção de Bíblias. Causou-lhes admiração a avidez com que a população dessa cidade acolheu este livro que é a mesma palavra de Deus [...].

No ano seguinte (1866) Deus serviu-se dum pregador evangélico, o Rev. Sr. J. M. da Conceição para chamar ainda mais a atenção para as escrituras, nas quais ele convidou os Lorenenses a indagar se estas cousas (pregadas por ele como outrora por São Paulo) eram assim. Assim se lançou a semente sobre a terra.

Passado tempo soube-se que essa já brotava e crescia. No intuito de confirmar as notícias vindas de lá e de ministrar àqueles que

<sup>4</sup> Ver conto pitoresco sobre um atentado planejado pelo padre local e outros (RIBEIRO, 1995, p. 83 et seq.).

<sup>5</sup> Ver Atas do Presbitério do Rio de Janeiro, sessão de 6/8/1875.



já creram no Evangelho, mais um ministro evangélico se dirigiu a Lorena em Maio do presente ano (1868)<sup>6</sup>.

Achavam-se algumas pessoas já prontas a professarem a sua fé no único mediador entre Deus e os homens, e essas Ele organizou numa igreja evangélica, administrando-lhes os Sacramentos – o batismo e a ceia do Senhor<sup>7</sup>.

Esta igreja assim organizada na casa dum dos membros continuava celebrando regularmente o seu culto particular depois da partida desse ministro [...].

Acudindo à chamada desses irmãos às necessidades de um crescido número de pessoas interessadas nas boas novas de salvação perfeita e de graça, dois ministros da mesma igreja partiram da corte no dia 28 de outubro com o fim de dirigir o culto e pregar o Evangelho em Lorena. Deram princípio a sua pregação no dia 1º de novembro, sendo o Domingo, na casa em que a igreja foi originalmente constituída, e na qual há um depósito das Escrituras Sagradas e livros religiosos.

Este depósito de Bíblias deu ocasião a um homem dirigir-se ao dono da casa para o insultar nesse mesmo dia; e mais tarde, no dia 10, entrou outro com propósito de o assassinar. A estas manifestações de má vontade para com o Evangelho os crentes não deram tanta significação como pareciam ter à luz da fatos subseqüentes.

Ficando impunes esses dois criminosos, ainda que presos em flagrante, “os celerados de Lorena insuflados, encorajados e

---

<sup>6</sup> Sem dúvida, refere-se ao Rev. Blackford (ver RIBEIRO, 1995, p. 83).

<sup>7</sup> A igreja de Lorena foi organizada por Blackford em 17/5/1868. Relata ao Presbitério: “No mês de maio fiz uma visita à cidade de Lorena na Província de São Paulo, onde preguei por espaço de 9 dias com a mais feliz aceitação, e organizei uma igreja composta de 6 pessoas que professaram a sua fé na ocasião que ali estive, sendo todas conversas do romanismo” (BLACKFORD, relatório ao Presbitério de 1868) (ver RIBEIRO, 1979, p. 182-183; RIBEIRO, 1981, p. 328; O ESTANDARTE, 21/10/1893, p. 3.) Entre os que professaram a fé e foram batizadas, consta uma escrava, Madalena Rosa, pertencente a José Vicente de Azevedo (1834-1869), ilustre cidadão local. Três meses depois (19/2/1869), José Vicente foi emboscado e assassinado. Os assassinos foram presos (dois escravos) e os mandantes. “Entre os mandantes havia dois comendadores, um bacharel, um médico e um padre” (ver RIBEIRO, 1995, p. 83, 85). José Vicente de Azevedo teve um filho com o mesmo nome (1859-1944), que se tornaria um conceituado político e filantropo brasileiro e um dos idealizadores do Viaduto do Chá em São Paulo. Carvalhosa, ordenado Ministro em 20/7/1871, seria designado pastor da igreja de Lorena (ATAS DO PRESBITÉRIO DO RIO DE JANEIRO, sessão de 20/7/1871).

capitaneados tiraram à emulação para quantos atentados rezam as crônicas do fanatismo no martirologia de cristãos”.

Julgaram conseguir sem lei, com desprezo dela, o que pela lei não podiam.

No dia 12 houve queixa contra a igreja evangélica e seus membros, ministros e culto dada pelo vigário; queixa que o próprio delegado suplente julgou improcedente como se vê do ofício que dirigiu ao chefe de polícia de São Paulo, diz:

“Tratei imediatamente de tomar as providências sobre o que no mesmo ofício [do vigário] se alega; mas como aqueles protestantes faziam suas reuniões em casa particular, com o devido respeito às leis do país, e na forma que lhes é permitido, só tive de reforçar a guarda policial para prevenir que as pessoas desse culto viessem a sofrer algum desacato...

“Acontece, porém, que a 13 do corrente das 9 para às 10 horas da noite, ao concluir-se a prédica de um desses presbíteros a que me refiro, quando as pessoas que se achavam presentes voltaram para suas casas, saiu-lhe ao encontro um grupo de vinte e tantos indivíduos, armados de cacetes e chicotes de couro, os quais atacando-as de surpresa, resultou ficarem feridas algumas pessoas, tendo sido uma gravemente, conforme consta dos autos de corpo delito a quem se procedeu [...] dispensando-se imediatamente os atacantes sem que pudessem ser apreendidos ou reconhecidos”.

Não é esta a ocasião de comentar este documento que é bastante acanhado na narração dos fatos, e não deixa de revelar uma *frouxidão criminosa* da parte da mesma autoridade, como se vê da frase que temos posto em grifo.

A este ofício do delegado suplente respondeu o digno chefe de polícia com um aviso no qual diz:

“Aguardando o resultado das providências por Vmc. para descobrir os autores desse atentado e puni-los, cumpre-me dizer-lhe em resposta à consulta que me faz na última parte do seu citado ofício: – *como deverá proceder, se continuarem essas prédicas contra as quais levantando-se alguns indivíduos por exaltação religiosa ou por outro qualquer motivo, podem de novo se aproveitar do pretexto para a perturbação da ordem e tranqüilidade pública* – que, tolerando a nossa constituição política, no art. 5, todas as outras religiões com o seu culto doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo, e dispondo no art. 179 § 5 que ninguém possa ser

perseguido por motivo de religião, uma vez que respeite a do Estado e não ofenda à moral pública, deve Vmc. empregar todos os meios brandos e pacíficos a fim de evitar que por espírito de religião ou outro qualquer motivo se reproduzam as violências que se deram na noite de 13 do corrente mês, e, não sendo esses meios eficazes, proceder contra os delinquentes nos termos do art. 191, 285 e seguintes do cod. crim.

“Outrossim muito recomendo a Vmc. que não permita que esses presbíteros da religião protestante ou de outras diferentes da do Estado abusando da liberdade e tolerância que lhes facultam as leis e as autoridades do país, infrinjam os arts. 276 e seguintes do mencionado código, devendo Vmc. puni-los com as penas neles decretadas todas as vezes que os transgredirem.

“Deus guarde a Vmc.

“O chefe de polícia, *José Ignacio Gomes Guimarães*. – Sr. delegado de polícia de Lorena”.

A respeito dos mesmos acontecimentos expediu o ministério da justiça o seguinte aviso:

“Rio de Janeiro, 26 de Novembro de 1868. – Convém que V. Ex. dê as necessárias providências para que seja garantida no termo de Lorena dessa província a segurança individual, não só de quaisquer ministros de cultos estrangeiros, como das pessoas que assistam aos atos dessas religiões, na conformidade da lei.

“Os acontecimentos que tiveram lugar naquele termo, a 1 e 13 do corrente, manifestam da parte de alguns indivíduos uma hostilidade criminosa, contra um culto privado permitido pela constituição. Cumpre que tais atos sejam severamente reprimidos, pois, além de ofensivos à lei, tendem a incutir preconceitos na população.

“Se o culto da religião tolerada se fizer publicamente em edificio com forma exterior de templo contra o art. 276 do código criminal, ou se por ocasião dele se derem os abusos contra os delinquentes, mas não consentir que estejam eles expostos a desacatos como os que se deram.

“Deus guarde a V. Ex. – José Martiniano de Alencar. – Sr. presidente da província de São Paulo” (*IMPRESA EVANGÉLICA*, 5/12/1868, p. 182-183).

Posteriormente (21/2/1869), o Rev. Fletcher escreve de Nova York, congratulando-se com o imperador D. Pedro II,

pelas medidas tomadas através de José de Alencar (RIBEIRO, 1981, p. 117; RIBEIRO, 1995, p. 85).

O Rev. Themudo Lessa (1935, p. 65) conta que em 1896 “esteve pela primeira vez em Lorena e encontrou ainda algumas testemunhas da perseguição, que confirmaram os fatos aqui narrados”.

Tornemos a Conceição, ele continua caminhando e pregando... Poucos dias depois dos incidentes descritos, o encontramos em Guaratinguetá, onde demonstraram interesse Manoel Alexandrino Gusmão Cardoso e seu cunhado, ambos dentistas. Conceição se hospedou na casa daquele (CONCEIÇÃO, relatório de 14/8/1869). Conceição relata: “Eles dão esperanças de se tornarem dedicados ao Evangelho” (CONCEIÇÃO, relatório de 14/8/1869). Também demonstrou interesse um alemão, Sr. Fernando, juntamente com sua esposa e sogra (CONCEIÇÃO, relatório de 14/8/1869). Depois, prosseguindo para São Paulo, passa por Pindamonhagaba, Taubaté, Caçapava, São José dos Campos, Jacaré, Freguesia da Escada, Santa Isabel, São Miguel. Ele relata: “Por todos estes lugares fiz conhecido o Evangelho nos campos” (CONCEIÇÃO, relatório de 14/8/1869). O novo ano se inicia; 1869 é chegado. Conceição não descansa: “Aos 2 de janeiro passei pelo Arujá falando de Deus [...] passei pela Penha e cheguei a São Paulo” (CONCEIÇÃO, relatório de 14/8/1869). Aqui foi gentilmente hospedado pelos Revs. Pires e Mackee.

Nem sempre Conceição desfrutou de generosa hospitalidade ou mesmo de mesa farta. Ao que parece, no início ele se manteve com os recursos próprios acumulados ao longo de sua vida de padre. Contudo, suas economias se esgotaram. Faltou-lhe muitas vezes o que nos pareceria necessário; todavia, não a ele. Blackford e Carvalhosa, explicam:

Esta falta era voluntária da sua parte; visto que por vezes, a partir em viagens longas, recusou ir munido dos recursos necessários ofertados por irmãos na fé, e de preferência dependia da divina Providência pra suprir suas necessidades diárias<sup>8</sup>. Assim,

---

<sup>8</sup> “Seus colegas e amigos muitas vezes instavam com ele para aceitar algum outro emprego ou modo de trabalho mais compatível com as suas forças. Ele, porém, não quis anuir” (IMPRESA EVANGÉLICA, 3/1/1874, p. 1; ATAS DO PRESBITÉRIO DO RIO DE JANEIRO, sessão de 6/8/1875, p. 153).

muitas vezes mendigou [sic] ele de casa em casa pelas estradas das Províncias de São Paulo, do Rio de Janeiro e Minas Gerais, o pão de que carecia para matar a fome<sup>9</sup>. Mostrava-se sempre agradecido com os que o socorriam. Pregava-lhes o Evangelho, e em suas lembranças escritas recordava com gratidão os nomes dos que o favoreciam. Muitas vezes lhe faltou o pão, o vestuário, o calçado, e até o abrigo; mas nunca lhe faltaram palavras de consolação para o aflito, nem se achava sem a Escritura para alimentar espiritualmente a si e a outros. Também esta dificuldade nunca pôde demovê-lo de seu trabalho. Embora pobre, ele viajava sempre, umas vezes a cavalo, outras a pé procurando enriquecer a muitos nas cousas espirituais; e quando possuía qualquer quantia, socorria, ainda com o próprio sacrifício, ao necessitado que lhe estendia a mão (ATAS DO PRESBITÉRIO DO RIO DE JANEIRO, sessão de 6/8/1875, p. 152-153).

As suas viagens missionárias não podem esperar. Em 15 de janeiro de 1869, segue para Atibaia. “No Pouso da Água Fria fiz oração e preguei em casa do Sr. João Cachener e seus vizinhos reunidos a seu convite”. Muitos se interessaram pelo Evangelho. Andou por Bragança, Freguesia das Antas, São José dos Campos, Amparo, Socorro, “nas estradas e casas, fiz por toda a parte conhecida a Palavra de Deus, lendo-a, pregando-a e orando com as famílias” (CONCEIÇÃO, relatório de 14/8/1869). Em julho, convocado pelo Rev. Blackford, volta a São Paulo (11/7/1869) para a reunião do Presbitério em agosto. Nesse relatório, Conceição insere o nome de 55 pessoas que se interessaram pelo Evangelho (LESSA, 1935, p. 63).

A partir de julho de 1869 não temos mais relatórios de Conceição. Os informes são entrecortados, ainda que saibamos que o seu trabalho continuou de modo especial no triângulo Rio, São Paulo, Minas Gerais. Ele era visto em lugares diferentes num espaço pequeno de tempo, sempre pregando o Evangelho. As perseguições *frustradas* – em Pindamonhanga (RIBEIRO, 1995, p. 100-101), em “certa freguesia de

---

<sup>9</sup> Parece-me exagero. Fausto de Souza narra como Conceição retribuía a hospedagem e alimentação: varrendo o quintal, cortando a grama etc. (ver RIBEIRO, 1979, p. 200-202). Outras vezes, com recursos, repartia com quem considerasse mais necessitado (ver RIBEIRO, 1995, p. 101).

Minas”) – ou *concretizadas* – em Campanha, após ter pregado, foi apedrejado, ficando caído na estrada como semimorto (TRAJANO, 1902, p. 16; RIBEIRO, 1979, p. 199-200; RIBEIRO, 1995, p. 101)<sup>10</sup> – estão presentes em suas viagens profícuas e incansáveis como um bandeirante da fé. Em suas andanças missionárias, além de pregar a Palavra, em muitos lugares exercitava seus conhecimentos de medicina prática.

Sabemos que em certa ocasião, indo visitar sua irmã em Castro, introduziu o Evangelho na cidade de Ponta Grossa (REVISTA DE MISSÕES NACIONAIS, 1924, p. 6). “Uma carta de dezembro de 1872, assinada por muitos habitantes de Mambucaba, convidava-o ardentemente a voltar àquela vila, onde prestara tantos benefícios” (LESSA 1935, p. 66).

Conforme consta nas Atas do Presbitério do Rio de Janeiro, à reunião de 18 a 29 de agosto de 1870, realizada no Rio de Janeiro, ele estava ausente. À reunião ocorrida em São Paulo, na casa do Rev. Chamberlain (12/1/1871), ele também não compareceu. O mesmo ocorreu na reunião de 13 a 20/7/1871, no Rio de Janeiro; na de 16 a 21/8/1872, no Rio; na de 27 a 31/12/1872 em São Paulo; e na de 6 a 12/8/1873, em São Paulo.

Os motivos da ausência do Rev. Conceição, não sabemos; ele não justifica, nem o Presbitério registra maior comentário além de sua ausência. Contudo, na última reunião a que compareceu (1869), lemos:

Em seguida apresentou e leu o sr. Conceição o relatório de seus trabalhos durante o ano findo, sendo esse relatório muito extenso, pediu-se ao mesmo sr. fazer um resumo do mesmo, próprio para ser arquivado (ATAS DO PRESBITÉRIO DO RIO DE JANEIRO, sessão de 13/8/1869).

---

<sup>10</sup> Blackford e Carvalhosa dão maiores detalhes: “Foi ele expelido de um hotel na cidade da Campanha da Princesa, e apedrejado publicamente pela plebe. Nada disto, porém, o demovia de prosseguir em sua obra de evangelização” (ATAS DO PRESBITÉRIO DO RIO DE JANEIRO, sessão de 6/8/1875, p. 152). Em outro lugar, os cães estimulados pelo fazendeiro, deixaram-no estraçalhado e gravemente ferido (LESSA, 1935, p. 65-66; RIBEIRO, 1995, p. 101).

Curiosamente, o relatório do Rev. Blackford é quase duas vezes e meia maior do que o de Conceição. Não foi pedido que ele resumisse (BLACKFORD, relatório de 18/8/1869). Três anos antes, na reunião do Presbitério de 1866, o relatório de Conceição, ainda que cobrindo um tempo menor – “ano corrente” –, era quase três vezes maior; no entanto, ele o leu integralmente e, ao terminar a leitura dos relatórios dos ministros, registra a ata:

À proposta de A.G. Simonton, o Moderador convidou a J. M. Conceição a fazer oração pelos que tinham ouvido ultimamente o Evangelho em reconhecimento da bondade de Deus manifesta no passado (ATAS DO PRESBITÉRIO DO RIO DE JANEIRO, sessão de 10/7/1866).

Parece que o Presbitério já não era o mesmo. Simonton aqui também fazia falta. Os pontos relevantes já não coincidiam com os primeiros relatos. Creio, também, que esse incidente revela perspectivas diferentes de ministério pastoral. Os missionários, como era natural, pensavam em termos de estruturação de igreja, crescimento espiritual e numérico, estando perfeitamente adaptados à máquina, então ainda leve, administrativa. Conceição pensava em termos de evangelizar e evangelizar; a ideia de integrar as pessoas na igreja, ainda que não achasse irrelevante, não era a sua missão. Fixar-se em uma região, conforme lhe propuseram os missionários, parecia-lhe impossível (LÉONARD, 1981, p. 64). Tem-se a impressão de que ele está lutando contra o tempo, tentando percorrer o maior número de regiões possível e falar da redenção em Cristo cada vez a mais pessoas. Conceição “havia perdido o apoio entre os missionários”, interpreta Léonard (1981, p. 63). Temos aqui uma filosofia missionária distinta. Caberia aos missionários, penso, saber se valer mais intensamente das contribuições de Conceição ainda que o considerando, possivelmente, um tanto exótico. Mas convenhamos: todos estavam aprendendo juntos. Era muito trabalho, pouca gente, e a maioria sem grande experiência. Nem todos tinham o mesmo discernimento de Simonton e Blackford. Blackford, com a morte de Simonton, estava assoberbado com tanto trabalho. Enfim, a história não

é ideal<sup>11</sup>. É na sua vivência concreta que acertamos e erramos. Com os missionários, como com todos os seres humanos, não é nem poderia ser diferente. Caminhemos.

Boanerges Ribeiro (1995, p. 47), como resultado de cerca de 50 anos de exaustivos estudos sobre o assunto e com a sua singular capacidade interpretativa, resume:

Seu apostolado de Reformador da Religião então praticada pelos brasileiros não resultará de planejamentos conciliares, nem expressará simplesmente novos valores de sub-grupo [...]. Não será simples expressão, repito, de um sub-grupo social embora sempre se mantivesse entre os evangélicos do sub-grupo então organizado no país, e lhes fosse leal<sup>12</sup>.

A partir da reunião presbiterial de 1869 seus caminhos se tornam, não divergentes dos missionários, mas aparentemente paralelos. Ele é apóstolo de uma reforma evangélica na religião de seu povo. Eles tratam de incrementar a organização de uma Igreja Reformada que nos traz, com as melhores intenções e generosidade, pronta, com suas estruturas acabadas (RIBEIRO, 1995, p. 89; 1981, p. 190 et seq..).

No entanto, as relações pessoais continuam cordiais e afetuosas<sup>13</sup>. No seu necrológio, lemos:

José Manoel da Conceição era membro deste Presbitério. Nós todos sentimos sua falta; alguns de nós fomos seus amigos pessoais, o acompanhamos em algumas de suas visitas, e testemunhamos o seu zelo, dedicação e sofrimentos pela causa de Cristo (ATAS DO PRESBITÉRIO DO RIO DE JANEIRO, sessão de 6/8/1875, p. 148).

---

<sup>11</sup> “Quanto à *história da Igreja*, que se poderia cometer o erro de desprezar, eu devo acrescentar que sua função é enciclopédica: ela tem a honra de ser constantemente requisitada e ocupa um posto legítimo dentro do ensinamento cristão” (BARTH, 2006, p. 12; COSTA, 2004, p. 16-26).

<sup>12</sup> Ver também: Ribeiro (1979, p. 206; 1995, p. 62).

<sup>13</sup> Ver carta de Conceição aos moradores de Cabaçaizinhos escrita em 14/9/1868, publicada em *O Estandarte* de 8/5/1897. Não tive acesso ao jornal. No entanto, o documento encontra-se transcrito em Ribeiro (1979, p. 176-178; 1995, p. 89-91).



A partir do seu último relatório, só temos informações avulsas e incompletas. Pela carta endereçada a sua irmã Gertrudes do Amaral em 21/9/1869, sabemos de doenças constantes: “Eu ando doente com umas feridas grandes e dolorosas, que me obrigam agora a estar em casa sem poder viajar” (RIBEIRO, 1979, p. 197-198; RIBEIRO, 1995, p. 89-90). O major do Exército Augusto Fausto de Souza (1835-1890), o seu benfeitor nos últimos momentos de vida – então um católico praticante (RIBEIRO, 1995, p. 103-105) – e primeiro biógrafo<sup>14</sup>, relata muitas de suas viagens, pregações e costumes. No entanto, é-nos impossível saber o espectro completo de suas viagens e pregações. Contudo, como tem sido enfatizado, por muitos lugares por onde passou, surgiram igrejas vigorosas e fiéis.

## 2. TRABALHOS ESCRITOS

Sua grandeza não vem daquilo que escreveu, e sim daquilo que ele foi (RIBEIRO, 1979, p. 204-205).

Conceição tinha um excelente preparo acadêmico; poliglota (LESSA, 1935, p. 68-69), conhecia bem o francês, inglês, latim e alemão<sup>15</sup>. Em todas as oportunidades que tinha, estava escrevendo, esboçando sermões, traduzindo artigos, fazendo anotações daquilo que despertava a sua atenção, inclusive de cunho topográfico, meteorológico, sintático, etimológico e morfológico. Essas anotações, das quais muitas se perderam, eram, quando possível, transformadas em cartas a amigos,

---

<sup>14</sup> Ribeiro (1995, p. 93-95) transcreve um grande trecho de sua narrativa. Infelizmente não tive acesso ao suplemento da *Imprensa Evangélica* de janeiro e fevereiro de 1884, quando foram publicadas as notas biográficas de Conceição (“O Reverendo Pastor Evangélico José Manoel da Conceição”) feitas pelo major Augusto Fausto de Souza. Em *O Estandarte* (4 e 11/1/1912, p. 14-16) há um longo trecho daquele trabalho. Como curiosidade, cito que o major Fausto de Souza tornou-se colaborador assíduo da *Imprensa*. Mais tarde, foi promovido a coronel e tornou-se governador de Santa Catarina (1888-1889) (RIBEIRO, 1995, p. 95). Foi um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

<sup>15</sup> Até mesmo pregando nessa língua aos colonos alemães em Rio Claro (RIBEIRO, 1979, p. 150; LESSA, 1938, p. 109).

traduções de obras, hinos e artigos para a *Imprensa Evangélica*. Dentre os seus trabalhos, inclusive de tradução, destacamos:

## 2.1 TRADUÇÕES

---

- *História sagrada do Antigo e do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1856.
- *Exéquias a Abrahão Lincoln, presidente dos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Imprensa Evangélica, Tipographia Laemmert, s.d..

## 2.2 SERMÕES/ARTIGOS

---

- “Porque ignoramos a eternidade?” (LESSA, 1935, p. 75-88).
- “A verdadeira virtude” (IMPrensa EVANGÉLICA, 4/9/1880, p. 273-274).
- “O Evangelho” (IMPrensa EVANGÉLICA, 20/3/ 1880, p. 81-82; 3/4/1880, p. 97-98; 17/4/1880, p. 113-114).
- “O endurecimento do coração” (IMPrensa EVANGÉLICA, 1/5/1880, p. 129-130; 8/5/1880, p. 138-139; 15/5/1880, p. 146-147; 8/6/1880, p. 171).
- “A Última Ceia do Senhor” (IMPrensa EVANGÉLICA, 3/7/1880, p. 203-204; 24/7/1880, p. 226-227).
- “Ilustração do sexo feminino” (IMPrensa EVANGÉLICA, 17/12/1880, p. 393-394).
- “O Brasil carece da pregação do Evangelho” (16/7/1867) (COLEÇÃO CARVALHOSA, 1866-1875; IMPrensa EVANGÉLICA E REVISTA CHRISTÁ, 25/1/1881, p. 5-6).
- “A oração doméstica” (IMPrensa EVANGÉLICA E REVISTA CHRISTÁ, agosto de 1881, p. 238-240).

- “O nascimento de Jesus Cristo” (IMPrensa EVANGÉLICA E REVISTA CHRISTÁ, agosto de 1881, p. 242-244).
- “A prisão de Cristo” (IMPrensa EVANGÉLICA E REVISTA CHRISTÁ, agosto/novembro de 1881, p. 340-342).
- “A ilustração” (IMPrensa EVANGÉLICA, 21/2/1880, p. 49-50; 5/3/1880, p. 65-66).
- “Profissão de fé evangélica”<sup>16</sup>.

---

## 2.3 HINOS

- “Dulçor Ineffavel” (LESSA, 1935, p. 89-90).
- “Oh! Que Terra!” (LESSA, 1935, p. 91).
- “O Christão como Cidadão” (LESSA, 1935, p. 92).
- “Ventura Inenarrável” (IMPrensa EVANGÉLICA, 3/6/1865, p. 8)<sup>17</sup>.
- “Oh! se me fora possível”<sup>18</sup>.
- “Escreve tu com própria mão”<sup>19</sup>.
- “O Mundo celeste”<sup>20</sup>.

---

## 2.4 DEFESA

- *Sentença de excomunhão e sua resposta*. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança, 1867.

---

<sup>16</sup> Parte deste trabalho foi publicado na *Imprensa Evangélica* em 1881.

<sup>17</sup> Depois, revisado e melhorado: Hino n. 88 dos *Cânticos sagrados* (1905).

<sup>18</sup> Sem título; esta é a primeira linha. Hino n. 92 dos *Cânticos sagrados* (1905).

<sup>19</sup> Sem título; esta é a primeira linha. Hino n. 97 dos *Cânticos sagrados* (1905).

<sup>20</sup> Hino nº 98 dos *Cânticos sagrados* (1905).

### 3. “A SÓS COM DEUS” – MORREU DORMINDO

---

Na sessão de 22 de janeiro de 1874 do Presbitério do Rio de Janeiro, após a comunicação da morte do Rev. Conceição, foi proposta e aprovada a nomeação de uma comissão

[...] para confeccionar uma memória biográfica deste falecido irmão, a qual deverá ser transcrita nas atas deste Presbitério e mandada por cópia aos irmãos do falecido; e, pedir-se-á à redação da *Imprensa Evangélica* a publicação dela nas colunas de seu periódico (ATAS DO PRESBITÉRIO DO RIO DE JANEIRO, sessão de 22/1/1874).

Foram nomeados os Revs. Blackford e Carvalhosa para elaborar o texto. Em outra reunião do Presbitério (agosto de 1874), a comissão ainda não havia completado o seu trabalho. O Presbitério decide que a comissão fosse “continuada mais um ano” (ATAS DO PRESBITÉRIO DO RIO DE JANEIRO, sessão de 13/8/1874). Finalmente a comissão apresentou a “memória biográfica” (ATAS DO PRESBITÉRIO DO RIO DE JANEIRO, sessão de 6/8/1875), que foi transcrita na ata. Contudo, não a consegui localizar na *Imprensa Evangélica*. Minha hipótese é que isso não ocorreu porque, no editorial da *Imprensa* de 3/1/1874, o resumo de sua biografia já fora apresentado e, sem dúvida, escrita por Blackford ou Carvalhosa. Quando a *Imprensa* comunicou a sua morte, diz:

O falecido era um homem inteligente, ilustrado, generoso e caritativo, um amigo fiel e dedicado; e na sua morte a causa do evangelho perdeu o seu mais eloqüente advogado no Brasil (IMPENSA EVANGÉLICA, 3/1/1874, p. 1).

Não há exagero nesse breve registro!

Recuemos um pouco na história. Em julho de 1873, já bastante doente, Conceição passa por Caragatatuba. O Rev. Blackford o espera ansioso no Rio; já lhe preparara no morro de Santa Tereza “uma aprazível vivenda para ele ali gozar de tranqüilidade, a coberto de privações” (LESSA, 1935, p. 69). A impressão que tenho é que não era fácil Conceição aceitar

esse generoso e necessário favor. Mas aceita. Dirige-se ao Rio... Lessa (1935, p. 70) narra:

Demandando a estação da via férrea, foi o viajante surpreendido pela noite e buscou agasalho em uma morada à beira da estrada. Mas um policial desconfiado, vendo-o descalço e revestido de pobres trajes, deu-lhe voz de prisão e o recolheu ao posto desumanamente. Somente três dias mais tarde, foi solto, por intervenção de um amigo do Rio, a quem obtivera permissão de escrever.

Na prisão esgotou os recursos exíguos e viu-se sem o necessário para adquirir o bilhete de passagem na estrada de ferro. Resolveu, por isso, seguir a pé para a Côrte. E assim foi suportando a calma e o peso do dia, fatigado e doente, faminto, mas resignado. A 24 de dezembro, pelas quatro da tarde, caminhava pela estrada da Pavuna, sob os raios de um sol ardente. Sentindo-se mal, procurou a varanda de uma casa<sup>21</sup>, mas tombou desalentado.

Ele foi socorrido e levado para a enfermaria militar do Campinho; foi tratado com humanidade; alimentado, medicado e trocado. Parece que está se recuperando; é momento de alegre expectativa. Agora já não responde apenas com a cabeça ou com monossílabos, já consegue falar de modo compreensível. Então, manifesta ao médico e enfermeiro o seu desejo de “ficar só com Deus”. Não sem dificuldade, virou-se para a parede e descansou para sempre. Era Natal, era o seu Natal para a eternidade! Na *Imprensa* lemos: “Quem tomará o lugar vago entre os evangelistas do Brasil?” (IMPRESA EVANGÉLICA, 3/1/1874, p. 2).

Sobre os últimos momentos de sua vida, o necrológio diz:

A 24 de Dezembro de 1873, indo, segundo parece, para o Rio de Janeiro e tendo chegado a um lugar perto de Cascadura, na freguesia de Irajá, os seus incômodos, já muito agravados, não o deixaram prosseguir.

Tendo recebido notícia vaga de sua doença, um amigo seu saiu logo no dia seguinte à procura dele. Chegando ao lugar indicando, soube que tinha sido transportado, por ordem do digno subdelegado de Irajá, para a enfermaria do Laboratório Clínico de

---

<sup>21</sup> “Casa de negócio de Gabriel Joaquim de Valadares, no lugar denominado Dedê, estrada da Pavuna” (MONTE CARMELO, 1874, p. 2).

Campinho, onde, depois de receber todos os socorros possíveis, tinha falecido às 4 horas da manhã desse dia, 25 de Dezembro. Estavam já feitos todos os preparativos para um enterro honroso de seus restos mortais, feitos pelos dignos senhores Honório Gurgel do Amaral, subdelegado do Irajá, Dr. Augusto Fausto de Souza, diretor da Enfermaria Militar do Campinho, e padre Telêmaco, capelão do dito Laboratório. Seu amigo<sup>22</sup> nada tinha que fazer, senão agradecer o nobre e generoso procedimento para com o nosso falecido irmão da parte desses cavalheiros, a quem ele era antes desconhecido. A bênção de Deus descanse sobre eles! Sabemos, por informações, que os seus últimos momentos foram de paz. O Salvador, em quem cria e a quem servia, não o desamparou. Veio buscá-lo, como havia prometido. E enquanto lamentamos a sua morte como uma perda para nós e para a causa a que servia, estamos persuadidos de que para ele foi incomparavelmente melhor. Ele dormiu no Senhor, e seus restos descansam no cemitério público da freguesia de Irajá, no Município Neutro (ATAS DO PRESBITÉRIO DO RIO DE JANEIRO, sessão de 6/8/1875, p. 154-155)<sup>23</sup>.

Com a sua morte, os boatos maliciosos foram esparamados no Rio, São Paulo e Minas Gerais. O periódico romano *O Apóstolo* publicou que “os protestantes haviam desprezado o seu ministro que, maltrapilho e fomento [sic], morrera impenitente, abandonado de Deus e dos homens” (cf. LESSA, 1935, p. 73-74). No entanto, pela documentação que pude ler, o que me pareceu mais propalada foi a falsa notícia de seu regresso ao romanismo. Na *Imprensa* de 3/1/1874, no “Noticiário” (p. 7), lemos:

Estando a escrever o artigo sobre a morte de nosso prezado amigo e irmão, o Rev. Sr. Conceição, foi-nos entregue o *Apóstolo* de 1º do corrente, o qual, transcrevendo o *Jornal do Comércio* de 29 passado a notícia de sua morte, desprende-se em um disparate de asserções e insinuações tão injuriosas como gratuitamente falsas. Os que conheceram o Sr. Conceição, sabem que era homem de firmes convicções, e que tinha a coragem de confessar e mantê-las. Tão longe de ser seduzido por

---

<sup>22</sup> Cândido Joaquim Mesquita, enviado pelo Rev. Blackford (LESSA, 1935, p. 72; RIBEIRO, 1995, p. 108).

<sup>23</sup> Veja-se também: Ribeiro (1979, p. 210-212; 1995, p. 103-105).

promessas e professar a religião evangélica, fê-lo espontaneamente; e teria repellido tais seduções com a mesma firmeza e dignidade com que resistiu aos rogos e promessas feitas para seduzi-lo a renegar a fé cristã para voltar ao romanismo. É também maliciosamente falsa a asserção que o Sr. Conceição foi abandonado e desprezado pelos ministros protestantes. Não só seus colegas do ministério evangélico, mas muitos outros amigos, tanto protestantes como católicos romanos, honraram-se e zelaram-se em sempre ter suas casas e recursos ao dispor do illustre falecido. Cumpra porém o *Apóstolo* a sua missão, porque cada um fala o que lhe é próprio.

Em fevereiro de 1874, outro desmentido. Lemos na *Imprensa* (7/2/1874, p. 24):

O *Monitor Sul-Mineiro*<sup>24</sup>, de 11 de janeiro, dando notícia da morte do Sr. Conceição acrescenta o seguinte:

“Segundo nos consta o padre Conceição nos seus últimos dias se havia sinceramente arrependido de seus erros, e voltara ao catolicismo com todo o fervor e fé.”

Asseguramos ao *Monitor* que esta informação que lhe deram, não passa de um boato tão falso como injurioso; pedimos-lhe pois que retifique a sua notícia neste sentido.

Sabemos com toda certeza que o Sr. Conceição de modo nenhum apostatou da verdadeira fé cristã que havia nove anos professara e propagava com uma constância inabalável.

Os boatos continuaram. Na edição de março da *Imprensa*, vemos novamente o articulista desmentindo a versão da volta de Conceição ao romanismo, conforme saíra num dos artigos publicados jornal A Reforma – um jornal liberal sediado no Rio –, a respeito da vida de Conceição. Pela resposta da Imprensa, calculo que o articulista mencionado seja o antigo amigo de Conceição, Frei Monte Carmelo (1815-1899)<sup>25</sup>. A *Imprensa* diz: “Quem soube resistir por anos os esforços constantes e jeitosos do próprio escritor a quem muito prezava

---

<sup>24</sup> Esse periódico publicado em Campanha (MG), permaneceu de 1872 a 1896.

<sup>25</sup> Descobri posteriormente que Boanerges Ribeiro já havia concluindo por essa identificação (RIBEIRO, 1995, p. 77). Sobre o Frei Monte Carmelo, ver esboço biográfico feito pelo seu amigo e admirador Rodrigo Octavio (neto do médico Langaard) (OCTAVIO, 1979, p. 15-19).

como amigo dedicado, saberia guardar até o fim a sua fé [...]” (IMPRESA EVANGÉLICA, 7/3/1874, p. 36)<sup>26</sup>.

Em 1881, a *Imprensa* novamente volta à questão:

Atendendo às mentiras e calúnias que ainda se assacam sobre esse nome de um homem benemérito, e cristão dedicado à causa do Evangelho, julgamos bom deixá-lo falar por si extraindo uns parágrafos de um esboço autobiográfico que deixou escrito (IMPRESA EVANGÉLICA, março de 1881, p. 73).

A inverdade quanto à declaração da volta de Conceição ao romanismo torna-se evidente pela própria atitude de Dom Pedro de Lacerda<sup>27</sup>. O capelão de Campinho, padre Telêmaco, e o vigário do Irajá, Domingos Lourenço da Cruz Penedo, que havia humanitariamente atendido Conceição, permitindo até que fosse enterrado em “terreno sagrado”, foram severamente advertidos pelo bispo Dom Pedro de Lacerda. Escaparam pela alegação de ignorância desculposa: não sabiam de quem se tratava (SOUZA apud O ESTANDARTE, 1912, p. 16; LESSA, 1935, p. 72-73). Os outros foram ameaçados de excomunhão. Falou-se também em exumar o corpo. No entanto, entre os ameaçados, um não intimidado contra-ataca, dizendo que levaria o caso a Saldanha Marinho, então inimigo mordaz dos ultramontanos<sup>28</sup>. O dito fica pelo não dito; por enquanto. Três anos depois, antes de terminar o prazo legal de cinco anos, os restos mortais de Conceição foram exumados (dezembro de 1876), e o cemitério foi “novamente benzido e reconciliado!” (SOUZA apud O ESTANDARTE, 1912, p. 16; LESSA, 1935, p. 73; RIBEIRO, 1995, p. 108). Ora, se o Rev. Conceição tivesse retornando ao romanismo, por que todo esse movimento? E por que três anos depois exumar o seu corpo e tirar os seus restos?

---

<sup>26</sup> Esses artigos foram reunidos e publicados em livro: *O Padre José Manoel da Conceição e a Igreja*. Rio de Janeiro: Typographia da Reforma, 1874 (MONTE CARMELO, 1874, p. 137-139.)

<sup>27</sup> Sobre uma questão envolvendo D. Pedro de Lacerda, ver *Imprensa Evangélica* (7/2/1874, p. 24).

<sup>28</sup> Em 1873, a *Imprensa*, após ter recebido uma coleção de artigos de Saldanha Marinho que assinava sob o pseudônimo de *Ganganelli*, diz: “O Sr. conselheiro Joaquim Saldanha Marinho, tornou-se benemérito da pátria, e quando o Brasil estiver no pleno gozo da liberdade religiosa o seu nome será honrado como um daqueles que mais contribuíram para a sua realização” (IMPRESA EVANGÉLICA, 6/12/1873, p. 184).



Em princípios de 1877, sob a orientação de Blackford, os restos de Conceição foram trasladados para o Cemitério Protestante em São Paulo. O seu túmulo ficou ao lado do de Simonton, no Cemitério dos Protestantes, onde se encontra até hoje. No entanto, os princípios desses dois Reformadores continuam vivos entre nós.

---

## 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste segundo e último artigo da série, pudemos verificar a importância do trabalho do Rev. José Manoel da Conceição especialmente no interior de São Paulo. O seu método não se harmonizava necessariamente com o dos missionários americanos, especialmente de segunda geração (vejam-se, por exemplo, SILVA, 2002, p. 58-61; RIBEIRO, 1979, p. 143-152; 1995, p. 47, 57-60, 62, 89-91). Creio que a morte prematura de Simonton contribuiu para que as metodologias adotadas ficassem mais nítidas em seu *modus operandi*. Simonton e Blackford sabiam entender melhor Conceição, procurando reunir as pessoas por ele evangelizadas. Eles conseguiram se valer do melhor do trabalho de Conceição, a quem amavam, honravam e admiravam.

Com uma saúde débil, Conceição continuou a sua empreitada missionária. Era um homem culto. No entanto, os campos embranquecidos para a colheita tiveram o melhor desse homem, um missionário Reformado, itinerante e nativo. A Igreja evangélica no Brasil até hoje colhe os frutos de seu trabalho, ainda que não relatado ou registrado em atas. Deus, contudo, não se esquece do trabalho dos seus servos que O servem por graça.

## JOSÉ MANOEL DA CONCEIÇÃO, A NATIVE REFORMER

---

### ABSTRACT

In this second and final article about the first minister of Brazil, Costa describes aspects of the hard work of Rev. Conceição, especially in São Paulo, suffered persecution, the precariousness of his health, and the

condition of his parallel missionary perspective in relation to foreign missionaries. Here we have outlined the aspects of his “missionary-ministry philosophy” and the personality of the native reformer who gave himself to the Protestant cause in our country, desiring, until the end of his life, a spiritual reform through knowledge of God’s grace in Christ Jesus.

## KEYWORDS

---

José Manoel da Conceição; Presbyterianism; Brazilian Protestantism; Protestantism; Brazil Empire.

## REFERÊNCIAS

---

ATAS DO PRESBITÉRIO DO RIO DE JANEIRO, v. 1.  
Fonte manuscrita.

BARTH, K. *Esboço de uma dogmática*. São Paulo: Fonte Editorial, 2006.

BLACKFORD, A. L. Relatório de Blackford apresentado ao Presbitério do Rio de Janeiro. In: *Coleção Carvalhosa – relatórios pastorais, 1866-1875*. Fonte manuscrita.

CÂNTICOS SAGRADOS PARA O USO DOS QUE ADORAM A DEUS EM ESPÍRITO E VERDADE. Rio de Janeiro: Papelaria Luiz Macedo, 1905.

COLEÇÃO CARVALHOSA. Relatórios Pastorais, 1866-1875. Fonte manuscrita.

CONCEIÇÃO, J. M. da. Relatório de Conceição apresentado ao Presbitério do Rio de Janeiro. In: *Coleção Carvalhosa – relatórios pastorais, 1866-1875*. Fonte manuscrita.

COSTA, H. M. P. da. *Simonton, um homem dirigido por Deus*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie (Cadernos de Pós-Graduação. Programa de Educação, Arte e História da Cultura), outubro de 1999.

COSTA, H. M. P. da. *Raízes da teologia contemporânea*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

COSTA, H. M. P. da. O protestantismo e a palavra impressa: ensaios introdutórios – Final. *Ciências da Religião: história e sociedade*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 90-115, 2009.

- FERREIRA, J. A. *História da Igreja Presbiteriana do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992. 2 v.
- IMPrensa EVANGÉLICA. Rio de Janeiro e São Paulo: [Várias tipografias], 1864-1892.
- LÉONARD, É. G. *O protestantismo brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Juerp; Aste, 1981.
- LESSA, V. T. *Padre José Manoel da Conceição*. 2. ed. revista, ampliada e anotada. São Paulo: Graphico “Cruzeiro do Sul”, 1935.
- LESSA, V. T. *Annaes da 1ª Egreja Presbyteriana de São Paulo*. São Paulo: Edição da 1ª Igreja Presbiteriana Independente, 1938.
- MONTE CARMELO, J. de. *O Padre José Manoel da Conceição e a Igreja*. Rio de Janeiro: Typographia da Reforma, 1874.
- O ESTANDARTE. Órgão oficial da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil. São Paulo.
- OCTAVIO, R. *Minhas memórias dos outros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; MEC, 1979.
- PEREIRA, E. C. Traços biographicos do Rev. Antonio Pedro de Cerqueira Leite. *O Estandarte*, 4 e 11 jan. 1912.
- REVISTA DE MISSÕES NACIONAES. Rio de Janeiro: [s.n.], julho de 1924.
- RIBEIRO, B. *O padre protestante*. 2. ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1979.
- RIBEIRO, B. *Protestantismo e cultura brasileira*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1981.
- RIBEIRO, B. *José Manoel da Conceição e a Reforma Evangélica*. São Paulo: Livraria O Semeador, 1995.
- SILVA, W. S. *José Manoel da Conceição: o evangelista itinerante*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2002. (Cadernos de Pós-Graduação, n. 4).
- SIMONTON, A. G. *Diário, 1852-1867*. São Paulo: CEP/O Semeador, 1982.
- TRAJANO, Rev. A. Esboço histórico da Egreja Evangelica Presbyteriana. In: REIS, Á. (Ed). *Almanak Historico do O Puritano*. Rio de Janeiro: Casa Editora Presbyteriana, 1902.